

## “Chronologia da Congregação do Oratório de Goa”: uma construção de memória (século XVIII)

LORHANY CORDEIRO RIBEIRO

Investigo a crônica escrita pelo padre Sebastião do Rego, terminada em 1746, intitulada *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*<sup>1</sup> na intenção de apresentar a forma como a memória foi construída em tal texto. Utilizo como referência para a análise da construção da memória os textos de J. Le Goff<sup>2</sup> e Pollak<sup>3</sup>.

O padre Rego propõe com sua crônica, “trazer a luz o que estava esquecido”, isto é, a história da Congregação do Oratório de Goa, uma instituição religiosa formada por clérigos nascidos em Goa e que se autoidentificavam como pertencentes à casta brâmane, uma das que desfrutavam de mais prestígio na Índia portuguesa.

Antes de analisar a construção da memória dos Oratorianos no texto do padre Rego, apresento os desafios ligados à formação e afirmação do clero nativo goês; bem como perpassar pela criação da própria Congregação do Oratório de Goa. Os clérigos nativos de Goa tendiam a ser subalternizados em relação aos sacerdotes nascidos na Europa, passando assim por uma experiência comum de desafios na vida eclesiástica.<sup>4</sup> Ainda que relegados a um papel secundário na Igreja do Oriente, existiram distinções entre os grupos de clérigos naturais de Goa, os identificados como de origem Brâmane<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Estava manuscrita (Cód. 51-VII- 33 da Biblioteca da Ajuda em Lisboa) e agora impressa em edição organizada pela professora Maria de Jesus dos Mártires Lopes. LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. Estudo Introdutório. In: Rego, Sebastião do. *Cronologia da Congregação do Oratório de Goa*. Lisboa: CHAM, 2009, p.XIII-LI.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>3</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social* In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>4</sup> BOXER, C. R.. *Relações Raciais no Império Colonial Português 1415 -1825*. 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1988.

<sup>5</sup> A casta Brâmane frequentemente desfrutou de maior distinção social, sendo identificados como sacerdotes. Cf: FARIA, P. S. “A conversão das almas do Oriente”. Tese (doutorado) - UFF. DeHis, 2008.

ou Chardó<sup>6</sup>, que conseguiram ocupar algumas posições e disputaram entre si as oportunidades de inserção no aparato eclesiástico da Igreja estabelecida no Estado na Índia.<sup>7</sup>

E foi nesse contexto, de disputas internas dos grupos sociais cristãos goeses, que a Congregação do Oratório de Goa tornou-se uma instituição que, ao mesmo tempo em que elevou os clérigos naturais a uma posição entendida como um pouco mais privilegiada dentro da hierarquia eclesiástica, também deixou explícitas as divisões sociais (por ser formada, em sua grande maioria, por padres Brâmanes).

O autor da crônica, o padre Sebastião do Rego, foi um membro da Congregação do Oratório e era de origem Brâmane, bem como os demais congregados. Em sua crônica, relatou a formação da Congregação do Oratório de Goa. A obra de Rego apresenta a história do plano evangelizador e cultural empreendido pelos padres da Congregação, bem como a história civil, ao demonstrar as vicissitudes da história de Goa e das demais localizações por onde os congregados fizeram missão (com destaque para a região do Ceilão).

Ao apresentar a história da Congregação do Oratório de Goa, o padre Sebastião do Rego esforçou-se para construir uma memória acerca da instituição. Ao exaltar a Congregação (e conseqüentemente a casta que a constituía, a brâmane), Sebastião do Rego inspirou-se em modelos narrativos peculiares, como na escrita de cunho hagiográfico, apologético e exemplar (isto é, que esperava fornecer “exemplos”, lições aos seus leitores presumidos).

Este trabalho busca contribuir para a recente produção historiográfica sobre a Congregação do Oratório de Goa e a crescente discussão acerca da atuação portuguesa no Oriente, ao trazer para o debate a questão da memória de um grupo específico do Império português do Oriente, com base nas reflexões suscitadas pelos estudos

---

<sup>6</sup> Os Kshatriyas, em Goa, após a conversão ao catolicismo, teriam sido chamados de Chardós, associados à casta de guerreiros. Cf: FARIA, P. S. “A conversão das almas do Oriente”. Tese (doutorado) - UFF. DeHis, 2008.

<sup>7</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Críandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo. & XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

de Ângela Xavier<sup>8</sup>, Célia Tavares<sup>9</sup>, Catarina M. Santos<sup>10</sup>, Maria de Jesus dos M. Lopes<sup>11</sup>, C.Boxer<sup>12</sup>, L. F. Thomaz<sup>13</sup>.

O principal objetivo deste estudo é trabalhar a construção da memória do grupo dos Congregados a partir da narrativa do padre Sebastião do Rego na *Chronologia*. Em *Cronologia da Congregação*, o padre Rego narra e apresenta as memórias de um grupo (os padres nativos, os congregados do Oratório de Goa) constituindo um esforço de construção de uma memória coletiva e central para a instituição.

A Congregação do Oratório de Goa tornou-se um espaço para a inserção do grupo brâmane em uma realidade mais próxima da experimentada pelo clero regular, pois, apesar de a Congregação não ter desfrutado do estatuto de uma ordem religiosa<sup>14</sup>, forneceu um espaço de vida religiosa em comum e fomentou a construção de um *ethos* similar ao das ordens religiosas, na medida em que os oratorianos de Goa atuaram como missionários em regiões da Ásia. Sendo assim, a construção de uma crônica sobre a história da Congregação demonstra a importância desta instituição dentro da sociedade luso-indiana.

O contexto em que o padre Rego escreveu foi de certa decadência do império português no Oriente e de fortalecimento da Propaganda Fide<sup>15</sup> em relação às ações

<sup>8</sup> XAVIER, Ângela Barreto. "A invenção de Goa". Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

<sup>9</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo. & TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilégio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

<sup>10</sup> SANTOS, Catarina M. Goa é a chave de toda a Índia. Lisboa: CNCDP, 1999.

<sup>11</sup> LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Goa Setecentista: tradição e modernidade*. Lisboa: CEPCEP / Universidade Católica Portuguesa, 1999.

<sup>12</sup> BOXER, C. R. *Relações Raciais no Império Colonial Português 1415 -1825*. 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1988 & BOXER, C. R. *Igreja e a expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1989 & BOXER, C. R. *O império marítimo português*. Lisboa: Edições 70, 2001.

<sup>13</sup> THOMAZ, Luiz Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Ed. Difel, 1994.

<sup>14</sup> Com votos de castidade, pobreza e obediência.

<sup>15</sup> A Congregação da Propaganda Fide foi criada em Roma, em 1622, com o papel de dirigir as ações apostólicas, converter "hereges" e "incrédulos". A Propaganda desenvolveu interesse pelas áreas submetidas ao Padroado e desejou promover o crescimento do clero nativo das regiões que deveriam receber missões. Ver: COSTA, J. P. O. "A diáspora missionária" in: AZEVEDO, C. M. (dir.). *História religiosa de Portugal*, 3 vols., Lisboa, Círculo dos Leitores, vol. 2, 2000, pp. 255-313

eclesiásticas do Padroado Português<sup>16</sup>. O embate entre as duas instituições suscitava diferentes meios de afirmação social e religiosa. A escrita de Rego está inserida nesta discussão, uma vez que se propõe uma instituição leal à Coroa Portuguesa e às decisões eclesiásticas do Padroado.

É no bojo destas disputas e lutas por novas conquistas portuguesas, que a *Cronologia* e a própria história da criação da Congregação aparecem como reafirmadoras das ações dos padres nativos no intuito de fortalecer a cristandade e a presença portuguesa no Oriente.

A criação da Congregação do Oratório de Santa Cruz dos Milagres de Goa em 1682 (reconhecida pelo papa Clemente XI apenas em 1707) foi um importante aspecto no processo de cristianização em Goa, além de manter os privilégios de uma casta, a brâmane. Como mencionado, apesar de não ser uma ordem religiosa por não fazerem votos, os oratorianos de Goa estavam de acordo com a vida em oratórios, de modo que a congregação se tornou um caminho para o clero de origem brâmane, bem como favoreceu a manutenção do sistema de castas.<sup>17</sup>

Inicialmente, apresento a atuação Portuguesa no Oriente. Em 1498, os portugueses chegassem à Índia, sob o comando de Vasco da Gama. Luís Filipe Thomaz propõe o conceito de “Estado da Índia” – que se estendeu do Cabo da Boa Esperança até o Extremo Oriente – como uma rede de relações que articulava bens, pessoas e interesses administrados pela Coroa portuguesa, além de assegurar a unidade do império.<sup>18</sup>

Em 1510, Goa (situada na ilha de Tisvadi, na costa oriental da Índia) foi conquistada pelo português Afonso de Albuquerque e se tornou progressivamente a capital do "Estado da Índia", por sua posição central na rota portuguesa no Oriente.

---

<sup>16</sup> Padroado era “uma combinação de direitos, privilégios e deveres concedidos pelo papado à Coroa de Portugal como patrona das missões e instituições eclesiásticas católicas apostólicas romanas em vastas regiões da Àsia e no Brasil”. BOXER, C. R. *O império marítimo português (1415-1825)*. Edições 70, 196, p. 227.

<sup>17</sup> PIEDADE, Carla Delgado de ; TAVARES, C. C. S. . Oratorianos de Goa (verbete). In: José Eduardo Franco; José Augusto Mourão; Ana Cristina Costa Gomes. (Org.). *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal. 1ed .Lisboa: Gradiva, 2010

<sup>18</sup> THOMAZ, Luiz Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Ed. Difel, 1994.

De acordo com Catarina Madeira Santos houve em Goa uma “dupla capitalização”.<sup>19</sup> Inicialmente a conquista de Goa privilegiava a questão comercial e política (institucional), tornando-se o centro econômico, administrativo, militar e político do “Estado da Índia”. A segunda capitalização<sup>20</sup> de Goa corresponde a sua dimensão eclesiástica, uma duplicação da centralidade goesa no plano do império português. Sobre este tema, Célia Tavares<sup>21</sup> afirma que a instalação da diocese e posteriormente da arquidiocese em Goa, ainda na primeira metade do século XVI, aumentou a importância da região, tornando-a também o centro para a cristandade na Ásia e África Oriental, sendo por vezes chamada de “Pequena Roma do Oriente”.

A conversão dos goeses ao catolicismo foi uma das formas de fortalecimento do poder imperial português na região de Goa.<sup>22</sup> A difusão da fé católica apresentou-se como um dos pilares da presença portuguesa em Goa, promovida por agentes eclesiásticos do “Estado da Índia”.

As primeiras ordens religiosas estabelecidas na Índia foram a dos franciscanos (1517)<sup>23</sup> e dos jesuítas (1542), e posteriormente chegaram os dominicanos e os agostinhos. O Seminário da Santa Fé criado em 1541, que passou a ser chamado de Colégio de São Paulo com a administração jesuítica a partir de 1542, foi uma grande instituição no ensino e pregação da fé cristã.<sup>24</sup> O objetivo do seminário era formar padres e agentes de cristianização que propagassem o Evangelho, focado na educação de nativos convertidos, recrutados, na maioria dos casos, entre as castas mais altas (Brâmanes e Kshatriyas- Chardós).<sup>25</sup>

---

<sup>19</sup> SANTOS, Catarina M. *Goa é a chave de toda a Índia: perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: CNCDP, 1999, p. 93-210

<sup>20</sup> Ibidem, ibidem, p.201-210

<sup>21</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo.

<sup>22</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo. & XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa: poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

<sup>23</sup> MENDONÇA, D. *Conversions and citizenry: Goa under Portugal. 1510-1610*. New Delhi: Concept Pub., 2002. P. 80

<sup>24</sup> Ibidem, P. 131

<sup>25</sup> BOXER, C. R. *Igreja e a expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1989.

O seminário da Santa Fé foi a primeira instituição em Goa a formar padres de origem nativa, ordenados como clérigos seculares na maior parte das vezes, sendo a ordenação como clérigos regulares pouquíssimas.

A instituição da Diocese de Goa e sua elevação ao estatuto de Arcebispado em 1557 foi um poderoso veículo de difusão do cristianismo como religião e opção de vida (com o sacerdócio).<sup>26</sup>

Quando os portugueses começaram a estimular a conversão ao catolicismo em Goa, o sistema de castas contava com quatro divisões tradicionais mais importantes: Bhramins (brâmanes) classe sacerdotal; Kshatryias (xátrias) classe guerreira; Vaysias (vaixás) classe dos comerciantes e camponeses e os Sudras (servos e intocáveis). Os três primeiros grupos eram considerados de maior importância, visto que teriam recebido uma iniciação para a vida, considerados então, homens duas vezes nascidos.<sup>27</sup>

O sistema de castas é fundamental para entender a sociedade goesa e indiana em um todo. A hierarquia no hinduísmo é muito importante, pois define a distinção política e religiosa de cada indivíduo, sendo que a primeira está submetida a segunda.

Uma demonstração de como as ações das autoridades eclesiásticas portuguesas contribuíram para a manutenção das castas foi o fato de que inicialmente apenas os grupos sociais tidos como mais “nobres” - brâmanes e chardós- eram admitidos no ingresso na carreira eclesiástica.<sup>28</sup> Por exemplo, o 5º Concílio Provincial de Goa, realizado no ano de 1606, determinou:

“Para que, quando for possível, se conserve a dignidade sacerdotal, e veneração devida as pessoas ecclesiasticas, manda este sagrado Concilio que da gente da terra se não ordenem, nem admittão aos ministerios da Igreja castas baixas, senão os filhos dos Bragmanes, ou Parabus, ou outras castas reputadas por nobres nas partes, onde se houverem de ordenar [...]”<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Crisandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo.

<sup>28</sup> TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilegio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

<sup>29</sup> Archivo Portuguez-Oriental (APO). Nova Goa: Imprensa Nacional, 1857-1876, fasc. 4.



O trecho destacado do Concílio Goês, além de demonstrar a manutenção do sistema de castas hindu, ao contar com tal divisão para a admissão de indivíduos para o sacerdócio, ainda nos apresenta a distinção feita entre as castas e suas qualidades estereotipadas.

Aconteceu em Goa o que podemos denominar de interação entre as diferentes formas de distinção social, a do Antigo Regime português e da sociedade indiana, o que constituiu uma nova forma de significação das noções de pureza de sangue e nobreza.

Segundo Ângela Xavier, a cristianização da população nativa foi fundamental para a manutenção do Império português em Goa, uma vez que, ao se cristianizarem, as elites locais transformaram-se em “colonizadores internos”<sup>30</sup> e disputaram entre si os melhores postos na ordem imperial. Porém, determinadas posições só eram acessíveis se o indivíduo que as ocupassem estivesse associado a um estatuto de nobreza. É nesse contexto que as elites locais reconstruíram suas “identidades”, associando a sua casta a uma nobreza natural<sup>31</sup>, cuja história estaria vinculada à Bíblia.

Entre as rivalidades sociais em Goa ligadas à vida do clero nativo destacaram-se as disputas entre as castas brâmane e chardó, que chegaram ao ponto de fundar instituições religiosas para receber seus pares, isto é, dos clérigos naturais de Goa e de suas castas: a *Congregação do Oratório de Goa*, fundado no final do século XVII para receber brâmanes, e os *Carmelitas Claustais*, de meados do século XVIII, formado por chardós.<sup>32</sup>

C. Boxer apresenta a noção de que os nascidos no Oriente eram considerados pelos religiosos europeus como pessoas de pouca inteligência e cultura, por isso, inaceitáveis na vida religiosa. A “qualidade” dos futuros clérigos nativos era um ponto de discussão entre os sacerdotes fixados em Goa, e a noção de “pureza de sangue” era a

---

<sup>30</sup> Ibidem. .p. 107

<sup>31</sup> Para aprofundar a questão sobre nobreza natural. Ver: XAVIER, Ângela; HESPANHA, A. A *representação da sociedade e do poder*. In: HESPANHA, A. (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 113-140.

<sup>32</sup> TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilégio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

questão principal, abarcando até mesmo leis e barreiras contra os ditos “impuros”. Os clérigos de origem europeia levariam vantagem então, por sua cor “clara” e a teoria de maior capacitação para a vida missionária.<sup>33</sup>

Recentemente, Ângela Xavier<sup>34</sup>, tal como Charles Boxer, ressaltou o tema do clero nativo ao reafirmar que a capacidade intelectual da população das colônias (tratando especificamente do caso de Goa) era posta à prova por seus contemporâneos portugueses, sendo denominados como pessoas inábeis para a missionação e por esta razão mantidos na subalternidade. A autora enfatiza ainda as rivalidades existentes entre os clérigos nativos e entre estes e os sacerdotes descendentes de portugueses.

A questão referente à subalternização do clero nativo e sua importância na missionação do Oriente também foi um assunto abordado por Célia Tavares<sup>35</sup>, que expõe que a Coroa portuguesa se beneficiava com a formação de um clero local, à medida que este servia para fortalecer o domínio português, porém, o receio com as habilidades cristãs dos novos evangelistas era um ponto latente. Tavares considerou que a “formação de um clero nativo constituía-se algo fundamental para a obra de conversão, e também era útil do ponto de vista prático, uma vez que, devido ao domínio das línguas locais, os clérigos naturais da terra tinham maior acesso aos recém-convertidos”<sup>36</sup>. Tavares também afirma que a intransigência em ordenar e nomear para altos cargos eclesiásticos assolou o crescente clero nativo goês, limitado a atuar no clero secular e praticamente excluído do clero regular. Por isso, considera-se o caso do clero nativo goês de extrema originalidade e singularidade, por sua dupla adjetivação: importante e subalterno.

A formação do clero nativo deveu-se à ação da Igreja católica e à Coroa portuguesa. À Igreja Católica cabia a evangelização dos naturais e o apoio às suas ordenações, como meio de difusão da fé. A Coroa Portuguesa beneficiava-se da formação de um clero local na medida em que este servia para fortalecer o domínio

<sup>33</sup> BOXER, C. R. *O império marítimo português*. Lisboa. Edições 70, 1977.

<sup>34</sup> XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

<sup>35</sup> TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilegio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*. P. 571



português e facilitar a comunicação entre as autoridades portuguesas e a população natural de Goa.

Ainda que o recrutamento de candidatos asiáticos ao sacerdócio fosse indispensável, pois os naturais possuíam o domínio da língua e tinham maior acesso aos recém-convertidos, as ordens religiosas não se mostraram receptivas à admissão dos nativos.<sup>37</sup> Inicialmente, apenas membros da casta brâmane e posteriormente da chardó foram autorizados a entrar em seminários, preparando-se para o sacerdócio.

Inicialmente, o seminário da Santa Fé servia para preparar intérpretes e catequistas que auxiliariam na conversão dos nativos. Em decorrência da importância em se preparar clérigos de origem local, os naturais passaram a ser ordenados na vida eclesiástica.<sup>38</sup>

Ainda que existissem seminários em Goa, a formação do clero nativo era escassa, visto que os seminários estavam sob o controle de ordens religiosas que por vezes se recusavam em ordenar nativos. A posição de clérigo secular era vista como um “auxílio” aos clérigos regulares; reafirmando a posição subalterna dos novos sacerdotes.

A formação da Congregação do Oratório de Goa é entendida por Célia Tavares<sup>39</sup> como um importante aspecto no processo de cristianização em Goa, que manteve os privilégios de uma casta, a brâmane; e ao mesmo tempo foi um caminho para o clero de origem nativa se desvincular da subalternidade relegada à condição de padres seculares. Entende-se que a formação da Congregação foi um mecanismo de

<sup>37</sup> BOXER, C. R. *Igreja e expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa. Edições 70, 1989 & TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: III Colóquio Internacional Raízes do Privilégio: hierarquia e mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime, Caderno de Resumos. Niterói : UFF, 2009. v. 1

<sup>38</sup> FARIA, Patrícia S. de. *A conversão das almas do Oriente: franciscanos, poder e catolicismo em Goa (séculos XVI e XVII)*. Niterói, 2008. Tese (Doutorado em História). UFF, P. 95. Nota 267

<sup>39</sup> TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII*. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilégio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. & BOXER, C. R. *Igreja e a expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1989. & PIEDADE, Carla Delgado de ; TAVARES, C. C. S. . *Oratorianos de Goa (verbete)*. In: José Eduardo Franco; José Augusto Mourão; Ana Cristina Costa Gomes. (Org.). *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal. 1ed .Lisboa: Gradiva, 2010. & LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Estudo Introdutório*. In : REGO, Sebastião do. *Cronologia da Congregação do Oratório de Goa [1746]*. Lisboa: CHAM, 2009.

defesa e desvio das barreiras impostas à ascensão dos “clérigos da terra” na hierarquia eclesiástica.

Inês Županov afirma que a criação da Congregação do Oratório foi uma forma para os sacerdotes católicos brâmanes se posicionarem, e posicionarem sua linhagem, em um patamar mais alto na hierarquia colonial eclesiástica, de acordo com os limites impostos pelo local e pela estrutura social e cultural já instituída.<sup>40</sup>

A criação da Congregação ocorreu por obra de quatro presbíteros e um subdiácono, em Salcete no ano de 1682, e em 1684 a Congregação se fixou na igreja da Santa Cruz dos Milagres, em Goa. Em 1707 o papa Clemente XI deu o alvará final, por isso, este foi considerado o ano da fundação do oratório, que foi colocado sob proteção real em 1709 por D. João V.

Alguns autores, como a historiadora Inês Županov<sup>41</sup>, defendem que a aprovação da Congregação se deu principalmente pelo êxito da missão empreendida por seus membros no antigo Ceilão, atual Sri Lanka, o que tornou seus membros verdadeiros missionários. Os oratorianos de Goa missionaram em Bardez, Salcete e na própria Goa, mas seu esforço maior foi no Ceilão (atual Sri Lanka), região que os portugueses haviam perdido para os holandeses e onde a comunidade católica encontrava-se debilitada.

Sobre a história da Congregação, a escrita do padre Rego relata um momento da história da Índia portuguesa em que diversas áreas de influência já haviam sido perdidas. Nesta conjuntura de perda de influência política aconteceu também a perda do mando religioso, visto que as duas formas de autoridade caminhavam juntas em várias circunstâncias da expansão lusa. A dominação holandesa em áreas anteriormente de controle português ocasionou a perda de alcance do Padroado e das demais formas de autoridade católica nas regiões, considerando que a religião professada pelos holandeses era o protestantismo – concebida como “heresia” pelos portugueses.

---

<sup>40</sup> Zupanov, Inês. “Goan Brahmans in the Land of Promise: Missionaries, Spies and Gentiles in the 17 th-18 th century Sri Lanka”. <http://www.ineszupanov.com/documents/SriLanka.pdf>. Acessado em 10/12/2012

<sup>41</sup> Idem. Ibidem

Foi neste momento de perda de influência do comando político e religioso de Portugal que o padre Sebastião do Rego apresentou sua obra e a história da Congregação do Oratório de Goa. Destacando o papel da Congregação e dos congregados nas missões no Ceilão (após sua perda para os holandeses).

A obra de Rego apresenta a história da evangelização e das localidades em que os oratorianos atuaram. O padre Rego faz a apresentação da importância dos congregados e suas atuações para a missionação em locais que já haviam sido retirados do domínio português, e conseqüentemente da influência católica, levando-nos a entender sua ação como uma forma de valorizar os seus pares e a sua instituição.

A *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa* é um dos exemplos de ação dos padres nativos de Goa por meio da escrita. A obra do padre Sebastião do Rego tem um caráter apologético e de propaganda, seu interesse não está em provar que os demais grupos sociais atuantes na vida eclesiástica goesa não teriam as mesmas qualidades do que o seu, mas demonstrar como a sua instituição religiosa (a Congregação do Oratório de Goa) foi importante para a propagação do cristianismo com as obras missionárias e como esta se colocava como instrumento do Padroado e, conseqüentemente, da Coroa portuguesa.

Para a análise da narrativa de Rego como uma construção de memória, consideramos o que J. Le Goff<sup>42</sup> expõe. De acordo com Le Goff, um dos significados da história pode ser o de narração. Uma história seria então uma narração, verdadeira ou falsa, baseada em fatos históricos ou imaginação. Sendo assim, a narração do padre Rego apresenta uma história, ou a construção de uma história que se propõe a resgatar a memória.

As genealogias que compõe a história são apontadas por Le Goff, como sendo, muitas vezes, a primeira forma de história, uma produção do momento em que a memória organizar-se em séries cronológicas. As genealogias não são o foco da escrita do padre Rego, mas as pequenas biografias sobre os congregados aparecem como uma forma de mostrar boa ascendência, fato procurado também pela escrita genealógica.

---

<sup>42</sup> LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Le Goff cita Pierre Janet, ao afirmar que a narrativa é um comportamento da memória, à medida que tem a função social de comunicação de acontecimentos já ausentes.<sup>43</sup> Este fato é claramente detectado na narrativa do padre Rego, à proporção que ele faz um resgate da história da Congregação, apresentando fatos passados. De fato, o próprio autor da *Chronologia* diz ter feito esta obra para lembrar a todos dos “pequenos, dos maravilhosos feitos de Deus que ficaram escondidos, e para que todos dessem mais valor aos pequenos do que preferir aos grandes”<sup>44</sup>.

Le Goff afirma que a memória coletiva é um importante objeto na luta entre as forças sociais. Aqueles que detinham o poder sobre a memória coletiva, moldavam-na. Nesse sentido, a apresentação da memória da Congregação oferece ao padre Rego a possibilidade de moldar tal exposição da maneira como pensou mais conveniente para que seus objetivos fossem alcançados. A perda da memória sobre a instituição poderia ocasionar a perda da identidade específica dos padres nativos brâmanes congregados.

Michael Pollak afirma que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações constantes.

Em primeiro lugar, os elementos que constituem a memória, tanto individual quanto coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, estão os acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas em seu imaginário adquirem proporção, tal como a exposição da história da criação da Congregação, que o padre Rego faz sem ter vivido pessoalmente tal momento. No entanto, o acontecimento foi vivido pelo grupo com o qual ele se identificava, sendo assim, pode ser resgatado e reexposto.

De acordo com Pollak, a memória é seletiva, não é tudo que fica gravado e registrado. A mesma sofre flutuações em virtude do momento no qual é articulada. Assim, nas palavras do autor, “As preocupações do momento constituem um elemento

---

<sup>43</sup> Ibidem. Idem.

<sup>44</sup> REGO, Sebastião do. *Cronologia da Congregação do Oratório de Goa*. Lisboa: CHAM, 2009, p.XIII-LI. Livro 1. Capítulo 1.

de estruturação da memória.”<sup>45</sup> Assim, as indicações feitas por Rego de acontecimentos e personagens é algo pensado para que suas falas alcançassem a atenção de leitores específicos (e presumidos), para fatos determinados.

A organização da memória evidencia que a mesma é um fenômeno construído. Tal construção pode ser tanto conscientes como inconscientes. De acordo com o Pollak, “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.”<sup>46</sup> A cada vez que é construída, a memória realiza o trabalho de manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização.

De acordo com Jô Gondar<sup>47</sup>, a memória coletiva obedeceria a dois interesses que nos preocupam: a idade coletiva do grupo, que se une nos mitos de origem, ao passo que o outro interesse seria relacionado às genealogias, expressando o prestígio dos grupos dominantes.<sup>48</sup> O mito de origem da Congregação e do local em que se estabeleceu remete a uma atmosfera divina e providencialista. A memória em torno de tal evento dá sentido de unidade ao grupo. Bem como as genealogias, que apresentam trajetórias individuais que em certo momento se encontram na vida da Congregação, além de servirem para exaltar a suposta origem nobre e o prestígio dos oratorianos de famílias brâmanes.

A criação da Congregação é entendida e relatada por Rego como algo providenciado por Deus. Esta forma de exposição demonstra a intenção do congregado em atribuir valor divino a sua instituição. As narrativas sobre o passado que foram dispostas pelo padre Sebastião do Rego em ordem cronológica – da memória sobre sua Congregação, e como um todo, sobre a memória social – convocam e transmitem recordações dos acontecimentos que, de acordo com a análise feita da obra de Rego, mereceriam ser conservados pois o grupo veria (e todos deveriam ver também) como um fator de unidade passada e confirmação de unidade presente.

---

<sup>45</sup> POLLAK, Michael. p. 203.

<sup>46</sup> POLLAK, Michael. p. 204.

<sup>47</sup> GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924, UNIRIO.*

<sup>48</sup> Ibidem.

Ainda que o Oratório de Goa possa ser comparado a outras experiências que existiram em demais partes do império português, ligadas à criação de associações com fins religiosos e sociais (amparadas em laços identitários, como as irmandades de negros e de pardos no Brasil), é fundamental ressaltar sua singularidade. O Oratório é tão distinto por não ter sido uma associação de leigos (como uma confraria ou uma irmandade), mas de padres nativos relegados a cargos subalternos, que esperavam criar uma instituição que se assemelhasse a uma ordem religiosa. Esta é uma diferença muito significativa, que caracteriza a singularidade da Congregação de Goa e a importância da “preservação” de sua memória contida na *Chronologia*.

A memória construída pelo padre Sebastião do Rego na *Chronologia* evidencia a intenção de exaltar a Congregação e os congregados brâmanes de Goa. A forma como a narrativa é construída, bem como a escolha dos acontecimentos e documentos que compõe a obra, demonstram a intenção do congregado em fixar uma história de valor e préstimos religiosos empreendidos por seus pares.

### Fonte

REGO, Sebastião do. *Cronologia da Congregação do Oratório de Goa*. Lisboa: CHAM, 2009, p.XIII-LI.

### Bibliografia

BOXER, C. R. *Igreja e a expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1989

BOXER, C. R.. *Relações Raciais no Império Colonial Português 1415 -1825*. 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1988

BOXER, C. R. *O império marítimo português*. Lisboa: Edições 70, 2001.

FARIA, Patricia S. de. *A conversão das almas do Oriente: franciscanos, poder e catolicismo em Goa (séculos XVI e XVII)*. Niterói, 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense

FARIA, P. S. “Guerreiros e sacerdotes a serviço d’El Rei: as *castas* na escrita do clero nativo da Índia Portuguesa (século XVIII)”. In: XXX Encontro da APHES. Lisboa,



2010, <http://www.iseg.utl.pt/aphes30/docs/progdocs/PATRICIA%20SOUZA%20DE%20OFARIA.pdf>, capturado em 3/3/2011.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924, UNIRIO.*

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Goa Setecentista: tradição e modernidade.* Lisboa: CEPCEP / Universidade Católica Portuguesa, 1999.

LOPES, Maria de Jesus dos Mártires (org.). *Nova História da Expansão Portuguesa. O Império oriental 1660-1820.* Lisboa: Editorial Estampa, 2006, v.5, t. 2

LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Estudo Introdutório.* In : REGO, Sebastião do. *Cronologia da Congregação do Oratório de Goa [1746].* Lisboa: CHAM, 2009.

PIEDADE, Carla Delgado de ; TAVARES, C. C. S. . Oratorianos de Goa (verbete). In: José Eduardo Franco; José Augusto Mourão; Ana Cristina Costa Gomes. (Org.). *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal. Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal. 1ed .*Lisboa: Gradiva, 2010

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Catarina M. Goa é a chave de toda a Índia. Lisboa: CNCDP, 1999.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682).* Niterói, 2002. Tese (Doutoramento em História) Universidade Federal Fluminense, mimeo.

TAVARES, C. C. S. *Clérigos e castas: o clero nativo de Goa e a disputa por cargos eclesiásticos o Estado da Índia - séculos XVII e XVIII.* In: In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes et al. *Raízes do privilegio. Mobilidade social no mundo ibérico de Antigo Regime.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

THOMAZ, Luiz Filipe. De Ceuta a Timor. Lisboa: Ed. Difel, 1994.

XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa.* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008. 49, p. 107-114, 2005.

XAVIER, A.B. *David contra Golias na Goa seiscentista e setecentista*. *Ler História*, no. 49

XAVIER, Ângela; HESPANHA, A. *A representação da sociedade e do poder*. In: HESPANHA, A. (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 113-140.

ZUPANOV, Inês. “Goan Brahmans in the Land of Promise: Missionaries, Spies and Gentiles in the 17 th-18 th century Sri Lanka”.  
<http://www.ineszupanov.com/documents/SriLanka.pdf>. Acessado em 10/12/2012